

O papel da Psicopedagogia para o atendimento a alunos autistas *The role of Psychopedagogy in assisting autistic students*

ANNA CLARA GONZAGA SILVA ¹
HEREN NEPOMUCENO COSTA PAIXÃO ²

Resumo

A pesquisa possui uma perspectiva sobre o papel do psicopedagogo na inclusão de alunos autista, sua função é empenhar-se para organizar e mediar a escassez de saberes dos familiares e do corpo docente e colaborar na aquisição do aprendizado. Psicopedagogia é a área que auxilia nas dificuldades e nos processos educacionais das crianças, é a junção da pedagogia com a psicologia. A palavra autismo vem do grego onde “*autós*” significa “de si mesmo”. Traz também a terapia Análise do Comportamento Aplicada (ABA) método utilizado no processo de ensino aprendizagem e na inclusão dos alunos autista, e como a psicopedagogia auxilia no processo de inclusão.

Palavras Chave: Psicopedagogia. Autismo. Inclusão. ABA.

Abstract

The research has a perspective on the role of the psychopedagogue in the inclusion of autistic students, its function is to endeavor to organize and mediate the scarcity of knowledge of family members and faculty and collaborate in the acquisition of learning. Psychopedagogy is the area that helps in the difficulties and educational processes of children, it is the junction of pedagogy with psychology. The word autism comes from the Greek where "autós" means "of itself". It also brings the Applied Behavior Analysis (ABA) therapy method used in the teaching-learning process and in the inclusion of autistic students, and how psychopedagogy helps in the inclusion process.

Keywords: Psychopedagogy. Autism. Inclusion. TAB.

Introdução

Os conhecimentos sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista) apresentam muitos avanços, no entanto, requerem conhecimentos e esclarecimentos para contribuir com os psicopedagogos em uma construção contínua para mediação e estímulo antecipado as crianças com autismo.

A justificativa para o tema é o fato de a psicopedagogia ser de extrema importância para o desenvolvimento social, cognitivo e físico da criança autista, sua função é analisar, apurar e identificar adversidades e competências nas crianças com TEA. Este é um tema ainda pouco conhecido pela sociedade brasileira, mais que vem ganhando espaço.

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Anhanguera de Anápolis, Pós Graduanda em Psicopedagogia pela Unievangelica. ORCID - 0000-0003-1602-3250. nanasessa@hotmail.com.

² Psicóloga, Mestrado e Doutorado em Psicologia. ORCID – 0000-0003-2384-2262. herencosta@yahoo.com.br.

A importância do psicopedagogo na inclusão a alunos autistas é relevante, pois o profissional trabalha com interrogação dos fenômenos mentais, didáticos, afetuosos e intelectuais, competindo conduzir e favorecer a evolução mental da criança, através de variados métodos colaborando para que a criança autista compreenda as normas da sociedade para melhor convivência.

O objetivo geral é apresentar o valor que os psicopedagogos possuem levando em consideração a inclusão de crianças autistas no ensino regular. Os objetivos específicos são conceituar teoricamente a psicopedagogia e o autismo e refletir teoricamente e legalmente sobre estes dois conceitos, apresentar metodologias inclusivas para o processo de ensino e aprendizagem e compreender o papel do psicopedagogo no processo de inclusão.

Método

A pesquisa teve caráter teórico e bibliográfico a fim de refletir teoricamente sobre a atuação do psicopedagogo na inclusão de alunos autistas. Realizou-se reflexões teóricas de artigos, sites, trabalhos publicados nos últimos dez anos, utilizando também a internet, aplicou-se também o método qualitativo. Palavras chave: psicopedagogo, autismo, inclusão, método e aprendizagem. Os principais autores que fundamentam esta pesquisa são: Neves, Bossa, Santos, Visca, Asperger, Michael Rutter, Kanner, Kiguel, Marfinati, Abrão, Piaget, Behaviorismo, Gadia, Ghezzy, Smith, Pollard, Higbee, Akers, Broadhead, Dowrick, Nikopolus, Keenan.

Psicopedagogia e Autismo: Conceito, História e Legislação

A psicopedagogia é um campo atribuído para averiguação do vínculo das crianças com o ensino aprendizagem. Introduzindo assim um avanço que percorra dentro das particularidades dos fenômenos mentais, didáticos, intelectuais e sentimentais. Porém podemos encontrar colisões entre vários escritores, no qual uns possuem perspectivas cujo não exista convicção estabelecida.

Sendo assim para alguns escritores a psicopedagogia nada mais é que uma área do entendimento e práxis proveniente da pedagogia e psicologia, sendo que os demais fortificam a concepção que a psicologia se fundamenta em diferentes espaços de ideias e experiências na qual vai mais adiante da psicologia e pedagogia, se encaixando também nas áreas da fonoaudiologia, medicina, sociologia, biológica entra outros.

Conforme Neves e Bossa:

A psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades internas e externas da aprendizagem, tomadas em conjunto. E mais procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos (NEVES E BOSSA, 1991, p.12).

Segundo Santos (2009) a psicopedagogia dispõe de índole entre as disciplinas, devendo o estudo ser compreendido a partir de duas perspectivas são elas: preventivas e terapêuticas, no qual o primeiro enfoque concebe como instrumento o ser humano em sua evolução, seus métodos de progresso, e o segundo enfoque tem como instrumento no reconhecimento, exploração, construção metodológica para pesquisas e tratamento dos impasses do ensino aprendizagem.

A psicopedagogia chegou no Brasil no decênio de 1970 sobre atuação de tal maneira americana, como europeia, por intermédio argentino. Os primeiros lugares especializados na psicopedagogia apareceram em 1946, criado por meio de Juliette Favez, Boutonnier e George Mauco (MERY E BOSSA, 2000, p.39).

A psicopedagogia é justificada por referenciais teóricos e é sancionada pelo âmbito acadêmico por intermédio de artefatos científicos consistentes em teses e divulgações.

Segundo Visca,

A psicopedagogia nasceu como uma ocupação empírica pela necessidade de atender as crianças com dificuldades na aprendizagem, cujas causas eram estudadas pela medicina e pela psicologia. Com o decorrer do tempo o que inicialmente foi uma ação subsidiária destas disciplinas, perfilou-se como um conhecimento independente e complementar, possuidor de um objeto de estudo (o processo de aprendizagem) e de recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios (VISCA, 1987, p. 33).

No continente europeu o percurso que deu origem a psicopedagogia, dispersou crenças de que o inferior rendimento nas escolas se encontrava ligado às razões naturais na qual necessitava de um atendimento profissional, no entanto no Brasil, as adversidades sobre o ensino aprendizagem a princípio aconteceram relacionadas a um distúrbio neurológico nomeado de Disfunção Cerebral Mínima (DCM) que se tornou costume, adequando-se para ocultar interrogações sócio pedagógicas (Id. Ibid., 2000, p. 48-49).

No decorrer da quinta reunião e segunda convenção de psicopedagogia, entrou em vigência a constituição de princípios morais formulada pelo Conselho Nacional do Biênio da Associação Brasileira de Psicopedagogos (ABPp), sancionada em 1992 (ABPP, 1992).

Nos livros, *A psicopedagogia no Brasil* (1994), *Dificuldades de Aprendizagem o que são? Como trata-las?* (2000) de Bossa, encontra-se registros, na qual as questões sobre a aprendizagem sucediam a estudos e analisadas por médicos, onde assumiam enorme relevância nas sentenças da família (BOSSA, 1994-2000).

Kiguel (1983) evidencia que a psicopedagogia se localiza em estágio de distribuição de estrutura teórica mencionada, aspirando à inclusão das ciências pedagógicas, para um entendimento mais integrador do acontecimento do ensino aprendido humano.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi exposto pelo psiquiatra Kanner no ano de 1943, onde examinou onze crianças que expunham desempenho distinto que antepunham retraimento extremo e a manutenção do dia a dia, ao acompanhá-las percebeu que as crianças contestavam de um modo diferente em relação a outras crianças.

Marfinati e Abrão (2014) ao saberem das análises de Kanner puderam perceber que as crianças autistas apontam movimentos padronizados, oposição a modificações, não dispõem de capacidades na fala, apresentam dificuldades na relação social e atitudes incomuns.

O TEA ou Autismo trata-se de uma adversidade do sistema neurológico, descrito por déficits permanente no dialeto compreensível e expressivo no convívio social, na companhia de condutas restritas e contínua de movimentos e preferências.

A palavra autista tem origem grega que significa “autos”- por si só (COMPORTE-SE, p.1). Autismo é um transtorno no qual não existe cura, e não uma doença como muitos pensam, sua ligação é com o desenvolvimento do cérebro no qual aflige a aparência de como a pessoa observa o mundo e se sociabiliza (RUSSO, 2020, p.1).

Autismo expõe-se em leve, moderado e severo, se trata de uma adversidade incomparável no qual as manifestações podem apresentar-se de forma desigual nas pessoas, exibindo engajamento diferenciado acerca de inúmeros estágios.

Deste de 1943 especialistas trabalharam a fim de reaver a razão para o autismo, apesar de que não exista recuperação, sucedeu-se considerável aperfeiçoamento. Segundo Asperger (1980) a síndrome se atribuía a imperfeição congênita, equivalente a alguma deformidade concreta e cerebral.

No ano de 1944 o teórico Asperger redige o artigo “A psicopatia autista na infância”, onde realça o episódio prioritário em meninos, no qual expõem ausência de afinidade com o próximo, declínio de habilidades em fazer novos amigos, comunicação parcial, foco intensivo e mobilidades desalinhas.

Michael Rutter (1978) qualifica o TEA como um transtorno do avanço mental, originando um limite no entendimento do distúrbio. Kanner (1981) conceituou antecipadamente o autismo, com fundamento na investigação de uma comunidade de descendentes, de acordo com o desempenho específico identificado mediante inaptidão instintiva de demonstrar relação afetuosa e interpessoal, considerando a síndrome de forma alusiva à esfera psicopatias.

Mister salientar que todos os cidadãos com autismo possuem as mesmas vantagens assegurados a toda população por meio da Constituição Federal de 1988 entre outras leis nacionais. Tanto as crianças como os adolescentes portadores do TEA dispõem de todos os benefícios pressentido pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) lei 8.069/1990, já as pessoas acima de sessenta anos são amparadas pelo Estatuto dos Idosos lei 10.741/2003.

A Constituição Federal nos adverte quanto o ensino é privilégio de todas as pessoas, assim como coincidência de situações com destino a chegada e estabilidade na escola, devendo assim essa educação ser proporcionada as crianças com autismo.

Segundo a legislação brasileira, como consta no artigo 3º da lei nº 12.764/2012 é direito do autista:

São direitos da pessoa com espectro autista: IV – o acesso à educação e ensino profissionalizante”. E, ainda consta no mesmo documento o seguinte parágrafo: “Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado (Lei 12.764/2012, p.1).

A Lei Berenice Piana 12.764/2012 instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, na qual a permissão dos autistas a uma

investigação antecipada, tratamento, psicoterapias e remédios pelo SUS (Sistema Único de Saúde). Além de garantir o ingresso nas escolas, amparo social, acesso ao trabalho e as tarefas que proporcionem a igualdade de possibilidades.

Os portadores de autismos são respaldados também pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência lei 13.146/2015, assim como nas regulamentações internacionais assinalada pelo poder brasileiro, como a Convenção das Nações Unidas sob o Direito das Pessoas com Deficiência lei 6.949/200.

De acordo com a lei 13.977/2020 que criou a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA) prevê que se deve garantir aos autistas, atenção absoluta, pronto acolhimento no ingresso as ocupações públicas e privadas, em especial nos espaços da saúde, ensino e assessoria social.

Portanto a companhia e a interferência psicopedagógica são imprescindíveis, visto que o psicopedagogo está apto a reconhecer os impasses da criança com TEA por isso agir de maneira conservadora, proporcionando ensinamentos metodológicos, indicações vocacionais e ocupacionais.

Autismo: Metodologias Inclusivas para o Processo de Ensino Aprendizagem

Os alunos com TEA no processo de ensino aprendizagem apresentam um tempo de avanço diferenciado, sendo assim podem necessitar de umas técnicas educacionais no sentido de elevar suas capacidades e alcançar uma maneira mais palpável de se aprender.

Através das atuações lúdicas, as crianças expressam questões sensitivas, compreendem como ser mais autônomas e reduzem uns hábitos contínuo. Devem sempre levar em consideração os demarques, os objetivos sensórios e o grau de autismo da criança.

A brincadeira para a criança autista consegue colaborar com o aprimoramento intelectual, corporal e emocional, bem como proporciona um momento de convívio para que os ascendentes se inter-relacionem com seus pequeninos.

Com a utilização do lúdico, o psicopedagogo utilizará metodologias como o brincar, representar teatralmente, produzir textos, contar e recontar histórias, jogos com objetivos, que levará o aprendiz vencer desafios, construir com erros e acertos, onde o psicopedagogo irá realizar intervenções com o mesmo, tendo o propósito de instigá-lo para novas soluções (SANTOS, 2010, p.1).

Quando os profissionais forem adotar brinquedos ou jogos devem respeitar a faixa etária de progresso da criança, melhor dizendo, o grau de autismo. Tomando como amostra uma criança que possui grau severo, deve ser apresentado a ela um brinquedo mais acessível, na qual a mesma ira relacionar-se com ele facilmente com apenas um contato em uma tecla, neste momento não se deve levar em consideração a faixa etária indicada pelo fabricante.

O jogo da memória, o contar histórias, atividades para indicar com qual letra começa o objeto apresentado, atividades ao ar livre entre outras podem ser efetivas no ensino aprendizagem.

Segundo Piaget (1976):

O berço obrigatório das atividades intelectuais da criança. (...) são meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual. O jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório motor e de simbolismo, uma assimilação real à atividade própria, fornecendo a este seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça as crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil (PIAGET 1976, p. 205).

Para se trabalhar a alfabetização com crianças autistas, pode ser usado como ajuda os computadores, visto que um número grande de crianças com TEA apresentam uma enorme aptidão no uso dessas ferramentas.

Salienta-se que estas tratam-se apenas de alguns métodos que podem ser utilizados, mas compete ao educador possuir uma visão empática para compreender o que realmente funciona e ajuda no ensino aprendizagem desses alunos.

Um método usado na inclusão destas crianças, tanto no âmbito social quando escolar, é o ABA (Análise do Comportamento Aplicada). Essa terapia pode ser aplicada por qualquer pessoa, pais, professores, psicopedagogos entre outros, desde que estes sejam supervisionados e treinados por um especialista, garantindo o bom aprendizado da criança.

Segundo Anderson (2007) a terapia ABA,

É o uso científico dos princípios da abordagem comportamental para desenvolver, manter e aumentar comportamentos desejados e diminuir comportamentos indesejados. Envolvendo uma serie de diferentes estratégias, que podem ser utilizadas em variadas situações para modificar ou ensinar novos comportamentos (Anderson, 2007, p.10).

Para Behaviorismo, “ABA é um termo advindo do campo científico, que observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem” (GONÇALVES, 2019, p.6).

Essa terapia auxilia no método de direção e arrumação nas atividades do cotidiano, como também na relação em comunidade onde vive. E segundo a Associação para a Ciência do Transtorno do Autismo dos Estados Unidos o ABA trata-se da única abordagem que apresenta eminência científica satisfatória para ser considerada efetiva.

Para Gadia (2006, p.430): “ABA é o foco de terapia comportamental é a conduta mais observada na criança, é o que nos permite compreender como o indivíduo aprende”.

O ABA abrange o educar intenso e individual dos comportamentos essenciais para que o aluno autista consiga obter autonomia e melhor habilidade de vida executável.

Essa terapia direciona as potencialidades de aprendizagem já presentes nas crianças, permitindo assim que elas sejam efetivas de maneira apropriada, percebendo no ambiente escolar quais habilidades a criança autista já apresenta e domina.

Com relação da psicopedagogia e autismo a criança terá um acompanhamento semanal no qual o psicopedagogo desenvolverá ações para incluí-la no ambiente escolar e social em que está inserida. Um dos papéis do psicopedagogo é desenvolver estratégias para ensinar a criança levando em consideração o que ela gosta de fazer, para que a mesma tenha uma independência e possa resolver problemas sem ajuda de um adulto.

A terapia ABA possui uma característica fundamental, a de não rotulação, o foco deve ser na relação do indivíduo com o meio e não na doença, a mesma é contra castigos, dedica-se a premiar a criança caso alcance o desempenho esperado.

O currículo deve ser realmente contínuo dependera de cada aluno em sua particularidade, contudo normalmente é extenso, envolvendo os objetivos acadêmicos, de fala social, e de responsabilidade própria.

O primeiro a utilizar o ABA foi Lovaas ele usa no ensino a crianças com TEA, a partir daí muitos outros profissionais fazem vários auxílios e requintes a este método (LOVAAS, 1987).

Um método de ensino utilizada pelo ABA é o ensino por Tentativas Discretas (DTT), ele conta com uma estrutura gerida por um pedagogo, caracterizando-se por ser dividido em seguimentos difíceis de ensino aprendizagem em movimentos reduzidos.

Conforme Ghezzy (2007):

O DTT se caracteriza por um procedimento de ensino no qual o terapeuta (ou aplicador) tem um grande controle sobre a situação de ensino, estando em condições de manipular variáveis importantes para favorecer a aprendizagem de novos comportamentos por parte do aprendiz (GHEZZY, 2007).

O Ensino por Tentativas Discretas possui como suporte a dissolução de habilidades com a finalidade de educar seus elementos de forma solitária (SMITH, 2001). O método constitui-se em exibições repetidas de uma quantidade preestabelecida de ensaios, sendo cada ensaio definido com alicerce em uma eventualidade de três preceitos.

O DTT para uma eficácia no processo de ensino é necessário várias horas de treino e acompanhamento, para que este método seja cumprido de forma correta, o que suplementa essa urgência de longo treino sendo essencial um obstáculo para o oferecimento de mediações de comportamento em grande graduação (SMITH, 2001).

Segundo Pollard, Higbee, Akers e Broadhead (2014): “a vídeo modelação (VM) consistiria em uma possível alternativa para o treinamento de pessoas para implementar DTT”. A vídeo modelação consiste na introdução, através de vídeos da conduta que se planeja educar, de maneira a se educar uma nova atuação ou de modificar qualquer outra (Dowrick, 1991, citado por Nikopoulos & Keenan, 2006, p. 75).

Portanto o aluno acompanha o vídeo, após, lhe é requisitado a reproduzir a conduta que lhe foi mostrado, poucas análises de exames sistemáticos e meta análise aconselham que a vídeo modelação é o método de ensino aprendizagem efetivo para se instruir aptidões sociais. No capítulo seguinte será possível conhecer mais sobre o papel do psicopedagogo no processo de inclusão, assim como no processo de ensino aprendizagem dos alunos autistas.

O papel do psicopedagogo no processo de inclusão e de ensino e aprendizagem de alunos autistas

O psicopedagogo é o especialista eleito para aconselhar e instruir instituição escolar a respeito de vários pontos do procedimento do ensino e aprendizado e possui uma ação de precaução.

Portanto, a pessoa que se ocupa com a psicopedagogia, o chamado psicopedagogo, tem em sua educação a competência e aptidão para examinar como ocorre o procedimento de aprendizado de um determinado indivíduo e se encontra alguma coisa que é capaz de afetar esse trajeto.

Segundo Bossa (1994):

Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação (BOSSA, 1994).

O Psicopedagogo vai ocupar-se nas instituições escolares para dar auxílio e direção aos docentes, prevenindo assim as complicações do aprendizado, expandir uma ocupação de caráter psicopedagógico educativo com os educandos, colaborando então para a benfeitoria das condições do procedimento de ensino aprendizado.

O psicopedagogo procura entender como o aprendizado acontece para pessoa e quais os obstáculos cada sujeito encontrara durante esse procedimento. Portanto sua função é muito extensa e o especialista lida com perguntas da psique, educacional, afetivo e intelectual (RUSSO, 2019).

Sendo assim este profissional segue os pequenos ou os jovens com TEA e considera como se encontra seu aprendizado, analisa suas condutas até mesmo cria métodos para realização e intervenção sempre que achar viável.

Conforme Weiss (1991, p.1): “a psicopedagogia busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos e educadores.

A psicopedagogia não proporciona somente aqueles indivíduos que já mostraram impedimentos, inquietudes e contrariedades que dificultam o aprendizado, entretanto auxiliam na precaução, agindo antecedentemente que as complicações possam aparecer ou se progredirem nas instituições escolares.

O psicopedagogo precisa empenhar-se não com a contrariedade do aluno, porém com o indivíduo em sua integralidade, verificando o seu âmbito social, afetivo, psíquico ou seu instante memorioso, suas particularidades, seu nível de evolução e qualidades particulares.

O relacionamento do estudante – psicopedagogo dever ser fundamentado na consideração, na intimidade e na aptidão recíproca de reconhecer no próximo, tendo o cuidado como mola impulsora.

Salienta-se que fica na responsabilidade do psicopedagogo certificar se as crianças autistas estão sendo inseridas nas instituições escolares, se suas conveniências estão sendo respondidas, se o âmbito de escolarização é o esperado e se os pedagogos estão apitos e se a matéria pedagógica é eficaz para as crianças com TEA.

As ações realizadas pelo psicopedagogo junto com o sujeito com transtorno procura promover a reelaboração do processo de aprendizagem, assim sendo essa intervenção propicia uma mudança na ação do sujeito em relação à aprendizagem (SERRAT, 2002, p.56).

A criança autista terá um acompanhamento semanal no qual o psicopedagogo desenvolverá ações para inclui-la no ambiente escolar e social em que está inserida. Um dos papéis do psicopedagogo é desenvolver estratégias para ensinar a criança levando em consideração o que ela gosta de fazer, para que a mesma tenha uma independência e possa resolver problemas sem ajuda de um adulto.

O auxílio do psicopedagogo é crucial dado que a aprendizagem no início das adversidades a se compreender, estes habilitados são capazes de amplificar funções que instiga as funcionalidades intelectuais da criança e empenha-se se indagação fraterna e comunicativa, colaborando em direção à edificação da soberania do aluno.

O psicopedagogo deve entender as peculiaridades de cada criança com autismo, a fim de que estes profissionais possuam condição para programar uma mediação a qual se apresente conveniência as questões afetuosas, intelectuais e de condutas.

O aprendizado escolástico é um dos períodos que consegue incluir o método de avanço do aluno com TEA. Com esta introdução ao meio ambiente de educação é aguardado que a criança com autismo seja capaz de aprimorar sua habilidade de inclusão sociável, amplificar sua concepção de universo, mais adiante possuir admissão no entendimento por intermédio das salas consecutivas da educação.

Em relação à aprendizagem da criança autista, ela possui um tempo de avanço diferenciado, sendo assim podem necessitar de umas técnicas educacionais no sentido de elevar suas capacidades e alcançar uma maneira mais palpável de se aprender. Através das atuações lúdicas, as crianças expressam questões sensitivas, compreendem como ser mais autônomas e reduzem uns hábitos contínuo.

Conforme Bastos (2005, e RIVIERI, 1997, p. 128):

Promover o bem-estar emocional da pessoa autista, diminuindo suas experiências negativas de medo, ansiedade, frustração, incrementando possibilidades de emoções positivas de serenidade, alegria e autoestima. Promover a autonomia pessoal e as competências de autocuidado, diminuindo assim sua dependência de outras pessoas.

Aumentar suas possibilidades de comunicação, autoconsciência e controle do próprio comportamento.

Desenvolver habilidades cognitivas e de atenção, que permitam uma relação mais rica com o seu meio ambiente.

Aumentar a liberdade, espontaneidade e flexibilidade de suas ações, assim que estiver preparado.

Aumentar sua capacidade de assimilar e compreender as interações com outras pessoas, assim como sua capacidade de interpretar as intenções dos demais.

Desenvolver técnicas de aprendizagem, baseadas na imitação, aprendizagem de observação.

Diminuir aquelas condutas que trazem sofrimento para o próprio sujeito e para os que o rodeiam como as autoagressões, ações destrutivas. Desenvolver suas competências comunicativas (BASTOS, 2005 e RÍVIERI, 1997, p.128).

Portanto, os métodos didáticos com as crianças portadoras do TEA devem ser produzidos de maneiras distintas, é explícito que sejam escolhidos exercícios e práticas oculares concretas, entretanto a aparência para o autista é fundamental, sendo favorável no procedimento do aprendizado.

Conclui-se que a função de psicopedagogo deve ser olhada como um instrumento para auxiliar na arrumação e estruturação intelectual e de conduta das pessoas, fazendo – se assim indispensáveis interferências especializadas para um atendimento mais eficiente para as crianças com TEA.

CONCLUSÃO

Contudo podemos perceber que os temas apresentados em especial o autismo e o ABA devem ser mais estudados, pois poucos o conhecem. Crianças com o Espectro Autista antigamente não recebiam os acompanhamentos necessários e eram excluídas pelas outras crianças.

Os anos foram se passando e especialistas foram se aprofundando nesse transtorno procurando meios de mudar a vida destas crianças, após anos de pesquisas viram que a criança autista era uma criança que precisaria sempre de ajuda para ter um desenvolvimento normal mesmo sendo um processo lento.

As crianças que possuem um grau leve de autismo têm uma facilidade a mais para aprender em relação as que possuem um grau moderado e grave. Em alguns casos a criança com o grau grave não tem o desenvolvimento da fala e não gosta de barulho, certamente está criança terá maior acompanhamento do que a que tem grau leve.

Conclui-se que o psicopedagogo é indispensável para a inclusão dos autistas nas escolas regulares, pois, são eles que irão dar suporte a escola para se adequarem a este aluno, irão mostrar os melhores caminhos para o ensino aprendizagem desses alunos, e os métodos mais eficazes. E que farão de alguma forma que as leis que amparam essas crianças sejam cumpridas como realmente devem ser. Salienta-se então que todos os objetivos apresentados alcançaram os resultados esperados, e que este trabalho será aprofundado ao final da pós-graduação na área de psicopedagogia institucional e clínica.

REFERÊNCIAS

AUTISMO, Revista. **O que é autismo?** Disponível em:

<https://www.revistaautismo.com.br/o-que-e-autismo/>. Acesso em: 28 agosto 2020.

CARDOSO, Aline Souza Moraes Schroeder. **A atuação do psicopedagogo na escola inclusiva. Pós-Graduação.** Universidade Candido Mendes. Niterói, Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204418.pdf. Acesso em: 23 setembro 2020

COMPORTE-SE, Psicologia e Análise do Comportamento. **Autismo – um breve histórico.** 2010. Disponível em: <https://www.comportese.com/2010/09/autismo-um-breve-historico#:~:text=A%20palavra%20E2%80%9Cautismo%20E2%80%9D%20deriva%20do,%20um%20diagn%C3%B3stico%20de%20Esquizofrenia>. Acesso em: 08 setembro 2020.

GONÇALVES, Silvio Ferreira Passos. **As contribuições do método ABA para o desenvolvimento cognitivo e pedagógico da criança com autismo.** 2019. Disponível em: <http://www.pe.senac.br/cte/senac-2019/pdf/poster/AS%20CONTRIBUI%C3%87%C3%95ES%20DO%20M%C3%89TODO%20ABA%20PARA%20O%20DESENVOLVIMENTO%20COGNITIVO%20E%20PEDAG%C3%93GICO%20DA%20CRIAN%C3%87A%20COM%20AUTISMO.pdf>. Acesso em: 14 outubro 2020.

GRAÇA, Janilce S. Domingues; SILVA, Arleide Barreto; NASCIMENTO, Michelline Roberta. **Aspectos históricos da psicopedagogia.** Acesso em: 29 agosto 2020.

PENSI, Instituto. **Terapia ABA: conheça esse método para crianças com autismo!** Pesquisa e Ensino em Saúde Infantil. 2018. Disponível em: <https://institutopensi.org.br/blog-saude-infantil/terapia-aba-tratamento-autismo/>. Acesso em: 08 setembro 2020.

NASCIMENTO, Fernanda Domingas. **O papel do psicopedagogo na instituição escolar.** 2013. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/o-papel-do-psicopedagogo-na-instituicao-escolar>. Acesso em: 23 setembro 2020

REALIDADE, Autismo. **Leis e Direitos.** Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/convivendo-com-o-tea/leis-e-direitos/>. Acesso em: 29 agosto 2020.

REALIDADE, Autismo. **O que é o Autismo? Marcos Históricos.** Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/marcos-historicos/>. Acesso em: 29 agosto 2020.

RUSSO, Dra. Fabiele. **O papel do psicopedagogo no TEA.** 2019. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/o-papel-do-psicopedagogo-no-tea/#:~:text=Cabe%20ao%20psicopedagogo%2C%20impulsionar%20e,com%20as%20pessoas%20da%20sociedade>. Acesso em: 28 agosto 2020.

RUSSO, Dra. Fabiele. **Graus de autismo: é preciso saber.** 2020. Pg: 1. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/graus-de-autismo-importante-saber/>. Acesso em: 09 março 2020.

RUSSO, Dra Fabiele. **O que é o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).** 2020. Pg: 1. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/o-que-e-o-transtorno-do-espectro-do-autismo-tea/>. Acesso em: 09 março 2020.

RUSSO, Dra. Fabiele. **Atividades que estimulam a aprendizagem.** 2020. Pg.1. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/atividades-que-estimulam-a-aprendizagem/>. Acesso em: 04 setembro 2020

SABER, Instituto Neuro. **Intervenção psicopedagógica em casos de TEA.** 2018. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/intervencao-psicopedagogica-em-casos-de-tea/>. Acesso em: 28 agosto 2020.

SAMPAIO, Simaia. **Breve histórico da Psicopedagogia.** Disponível em: <https://www.psicopedagogiabrasil.com.br/em-branco-cml0>. Acesso em: 29 agosto 2020.

SILVA, Ezequiel Pereira. **O autismo e a intervenção psicopedagógica na escola.** Pg: 1. Disponível em: <https://monografias.brilescola.uol.com.br/educacao/o-autismo-intervencao-psicopedagogica-na-escola.htm>. Acesso em: 06 abril 2020.

SILVA, Simone Linhares. **Autismo e Intervenção Psicopedagógica.** Pós –Graduação. Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/G201880.pdf. Acesso em: 04 setembro 2020.

SOUSA, Luciano Dias; ALVIN, Adriano Simioni; BORGES, Karla Rocha; CANELA, Lucas Borcard; VIEIRA, Vidigal de Andrade. **A intervenção psicopedagógica no processo ensino aprendizagem do autista.** *Revista Transformar.* 2018. 12º edição. Itaperuna, Rio de Janeiro. Acesso em: 23 setembro 2020

TRAMUJAS, Joseli Quintana. **A psicopedagogia e a aprendizagem nos transtornos do espectro autista.** 2010. Pg: 45. **Graduação.** Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Tuiuti do Paraná. Paraná. 2010. Disponível em: <https://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2012/02/A-psicopedagogia-e-a-aprendizagem-nos-transtornos-do-espectro-autista.pdf>. Acesso em: 04 setembro 2020.

VARELLA, André; SOUZA, Carlos Magno Corrêa. **Ensino por tentativas discretas: Revisão sistemática dos estudos sobre treinamento com vídeo modelação.** Universidade Católica Dom Bosco. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva.** Volume 20. Número 3. Acesso em 08 setembro 2020.